



THE JACOB RADER MARCUS CENTER OF THE
AMERICAN JEWISH ARCHIVES

Preserving American Jewish History

MS-603: Rabbi Marc H. Tanenbaum Collection, 1945-1992.

Series A: Writings and Addresses. 1947-1991

Box 4, Folder 20, "O Conceito De 'Ser Humano' No Pensamento Judaico- Algumas Implicacoes Eticas" [in Portuguese], 7 August 1984.

[start]

Original documents
faded and/or illegible



O CONCEITO DE "SER HUMANO" NO PENSAMENTO JUDAICO
- ALGUMAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS



7 de agosto de 1984

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA ISRAELITA

do

RIO DE JANEIRO

I - VALORES MORAIS E ÉTICOS E IDEIAS NO JUDAÍSMO

Nem a Bíblia nem o judaísmo rabínico tem uma palavra para "ética". Um pequeno livro na Mishná, frequentemente referido como a "Ética dos Pais" - pois contém grande parte das instruções éticas, em Hebraico meramente se intitula "O Capítulo dos Patriarcas". Não se concebe a ética fora da religião, sendo assim, ela é incluída em qualquer expressão na Bíblia e no Talmud usada para religião. A ética é parte e parcela do "modo de vida" do judaísmo. Este conceito se reflete nos seguintes depoimentos rabínicos representativos:

"O começo e o fim da Torá é a ação da bondade.

Os atos de bondade pesam tanto quanto todos os mandamentos." (Sotah 14 A)

"Quando os atos de um ser são maiores que seu conhecimento, o conhecimento é eficaz, mas quando o conhecimento é maior que as ações, então ele é fútil." (Ética dos Pais 3:14)

Este "modo de vida" judaico tem suas origens na experiência da Presença Divina no meio dos eventos decisivos do Êxodo e do Sinai, eventos que têm alterado todo o curso da história da humanidade. Os filhos de Israel experimentaram a realidade do Senhor da história através de Seu envolvimento na sua libertação da opressão física, perseguição, massacre, e injustiças como "escravos do Faraó no Egito". Para o Faraó, que era adorado como um imperador divino e era a fonte da lei, nunca seu seguidor, os escravos israelitas eram olhados como bens móveis, "os intocáveis" do Egito antigo.

No Sinai, os israelitas tiveram uma experiência transformadora da Revelação Divina como testamento moral, o qual foi ratificado com um Pacto eterno. Daqui em diante, os israelitas são vistos por Deus como sendo "um reino de sacerdotes e uma nação sagrada". Que cenário Divino-humano extraordinário! Ontem, eles eram escravos, os proscritos da história; agora um povo inteiro está selado com a dignidade do sacerdócio e da santidade, e está destinado, no curso da história, com a tarefa messiânica de redenção na sociedade e através da história até a chegada do Reino.

O Prof. David Flusser afirma que a religião de Israel, foi uma ruptura na consciência humana. O Deus de Israel iniciou uma nova era na história da humanidade, introduzindo um novo conceito de justiça - que é a mensagem central de sua revelação - uma lei moral incondicional, e uma ordem social original a ser estabelecida paradigmaticamente na Terra Sagrada da Palestina, concebida nesta justiça. Esse pressuposto de justiça social e individual não era somente limitado para Israel. O Criador do universo põe tula esta justiça para todas as Suas criaturas; estava destinada a todas as pessoas do mundo.

O conceito de justiça que emerge da Bíblia hebraica não é somente o regime dos poderosos - a Bíblia não identifica Deus aliado ao Faraó e seu império! Ela enfatiza que Deus ampara os pobres e desprotegidos, os órfãos a viúva e o estrangeiro. A base da justiça social não deveria ser a força e o poder externos, mas a reverência a Deus e a obediência a Seu testamento moral.

A) A SANTIDADE DA VIDA HUMANA

Para entender a idéia de justiça em Israel, devemos ter em mente o ensinamento bíblico de que o ser humano é criado a imagem de Deus, que cada vida humana é sagrada e de valor infinito. Em consequência, um ser humano não pode ser tratado como um bem, ou como um objeto, para ser descartado em um programa ou projeto ou ideologia de terceiros, mas deve ser tratado como uma personalidade. Todo ser humano é um possuidor do direito à vida, dignidade e honra, e aos frutos do seu trabalho.

Justiça é o respeito à personalidade de outros e seus direitos inalienáveis, até mesmo quando a injustiça é a manifestação mais flagrante do desrespeito para com a personalidade dos outros. O judaísmo requer que a personalidade humana seja respeitada em cada ser humano - numa prisioneira de guerra, num delinquente, até mesmo num criminoso condenado à morte. A suprema importância do ser humano na economia do Universo é expressa neste ensinamento rabínico: "O homem (o ser humano) foi criado a princípio como

~~um indivíduo só para ensinar a lição de que aquele que destrói uma vida, é considerado pelas Escrituras como se tivesse destruído todo um mundo e aquele que salva uma vida, é considerado pelas Escrituras como se tivesse salvo todo um mundo.~~ (Sanedrín 4:7)

Todavia, justiça é mais do que a mera abstenção de lesar nossos semelhantes. "A realização da justiça é a paz, e a consequência disto é quietude e confiança para sempre." (Isaiás 32:17) É uma concepção positiva e inclui o bem-estar econômico, crescimento intelectual e espiritual, filantropia, e todo o empenho que permite aos seres humanos alcançarem o mais alto e melhor de suas naturezas.

As condições para esta auto-realização requerem enérgicos esforços para causar o desaparecimento final da injustiça e opressão que, como representado na liturgia das Festas Judaicas, são as metas da história humana. "E que toda a perversidade seja consumida como uma chama e que o domínio do mal seja removido da terra", declaram as preces de Rosh Hashaná.

B) DEVERES MORAIS DE "TZEDAKÁ"

Nada é mais fundamental na ética bíblica e rabínica do que a obrigação moral da tzedaká, um termo hebraico que ao mesmo tempo significa "caridade" e "fazer justiça". Os sábios rabínicos do Talmud declaram que "O ato da caridade - isto é, ajudar os pobres e alimentar os famintos - pesa tanto quanto todos os outros mandamentos da Torá." (Talmud Baba Batra 9A)

Na proclamação do Ano do Jubileu, que como os Dez Mandamentos foi designado pela legislação divinamente inspiradora revelada no Monte Sinai, a Bíblia determina, "E se teu irmão se torna pobre, e seus recursos não lhe permitirem te pagar, então deverás sustentá-lo; como um estrangeiro e um colono ele deve viver contigo." (Levítico 25:35) Os rabinos observam que a expressão "Teu irmão deve viver contigo" significa que é nosso dever pessoal e comunitário ver que o nosso semelhante não morra de inanição. Embora a pessoa seja um "estranho" ou "um colono estrangeiro", ele (ou ela) deve ser incluído no termo "teu irmão" e deve ser tratado de modo fraternal e clemente.

Para salientar a suprema virtude da ajuda humanitária aos necessitados na hierarquia dos valores espirituais e morais judaicos, os sábios rabínicos observavam tal atenção compassiva ao próximo como um ato digno da associação com a própria Divindade:

"Deus diz a Israel, 'Meus filhos, sempre que vocês derem sustento aos pobres, Eu atribuo a vocês como se estivessem sustentando a Mim', pois é dito, 'Ordenem aos filhos de Israel ... meu pão pelo meu sacrifício ... deverão me obedecer. Será que Deus come e bebe? Não, mas sempre que você dá comida ao pobre, Deus leva em conta como se você tivesse dado comida a Ele.'" (Números Rabá XXVIII:2)

A virtude de tal atenção para com os pobres e famintos está representada na tradição judaica como o atributo marcante do "patriarca fundador" do judaísmo, o Patriarca Abraão, que é chamado de arquétipo do "Fariseu do Amor". Num comentário do Midrash que começa com as frases, "Que sua casa esteja sempre aberta; que os pobres façam parte de sua família. Que a casa de um homem esteja aberta para o norte e para o sul, para o leste e para o oeste", os rabinos descrevem o humanitarismo de Abraão:

"Ele saiu e ficou vagando, e quando ele encontrou viajantes, ele os trouxe para sua casa, e ele ofereceu pão de trigo àquele que não tinha vontade de comer pão de trigo, e fez o mesmo com a carne e o vinho. E não somente isso, mas ele construiu espaçosas hospedarias nas estradas, e as abasteceu de comida e bebida, e todos vieram e comeram e beberam e abençoaram a Deus. Então, a paz de espírito lhe foi concedida e tudo que um homem pode desejar podia ser achado em sua casa." (Abot de Rabi Nathan, VII:17a, b)

Em outro lugar, o Talmud censura, "Aquele que não se compadece de seu semelhante certamente não é da semente de Abraão, nosso patriarca." (Beza 32b)

Em comunidades judaicas dos tempos bíblicos até o presente, havia muita doação livre e generosa de esmolas aqueles que pediam - até mesmo aos

impostores' - e havia também muita assistência sistemática e cuidadosa através das instituições estabelecidas. Cada comunidade judaica se orgulhava da tamhui (cozinha pública) da qual os pobres recebiam duas refeições diárias. Também havia a kupá (caixa de esmolas) para o dispêndio de fundos generosos na véspera do Shabat, para prover três refeições para o Shabat. (Mishná Peach VIII,7) Assistência adicional era praticada com respeito ao viajante pobre, que recebia uma porção de pão suficiente para duas refeições e também era eximido do custo do alojamento.

As leis bíblicas de caridade na Palestina relativas à "respiga", ao "feixe esquecido", e ao "canto do campo", implicavam numa idéia subjacente de que o território nacional pertence ao público como um todo. De acordo com a lei judaica, os donos da terra costumavam deixar as cercas que circundavam seus campos e vinhedos abertas, e durante determinadas horas do dia era permitido aos necessitados comer do produto da colheita. Havia também uma distribuição trienal de Maasser Ani (dízimo do homem pobre) da terra.

Deste modo, apareceram as tradições e instituições de caridade do povo judeu que desde então continuaram sendo uma característica religiosa-comunitária. Estes costumes de caridade, que eram estranhos à estrutura mental pagã dos gregos e romanos, teve também um impacto duradouro na natureza do "caritas" cristão.

C) PAZ E GUERRA.

E finalmente, a estabilidade, bem como a felicidade de uma comunidade só podem ser asseguradas quando repousar sobre as fundações da paz. Na ausência da paz não pode haver prosperidade nem bem-estar. "A paz é igual em valor, a tudo", declaram os rabinos (Sifra). E eles acrescentam, "Amada é a paz desde que as bênçãos somente terminem com a esperança de paz," ensinando assim que as proses, até mesmo do Sumo Sacerdote, não têm nenhuma utilidade a menos que acompanhadas pela paz. (Números Rabá 11:7)

Enquanto os Profetas de Israel e os rabinos acreditavam que Deus pretendia que as nações estivessem em paz umas com as outras, a guerra não era proibida. A ética judaica admitiria o dever de defender os altos valores da vida humana, se necessário, pela guerra. Caso Isaías ou Jeremias tivessem pensado que render-se ao invasor estrangeiro significava destruição da religião ou do povo que eles valorizavam, eles teriam oferecido resistência, com o mesmo vigor que constantemente exigiam a prática da justiça na obediência à vontade de Deus. Todos os fatos do judaísmo bíblico e pós-bíblico reunidos levam à conclusão de que o julgamento ético a respeito da guerra, de acordo com o judaísmo, é que ela deve ser erradicada para que a vida humana esteja em conformidade com a lei divina, que aqueles culpados de serem seus causadores, cometem um crime contra a humanidade e um pecado contra Deus. Contudo, justifica-se aqueles que, para defender os altos valores da vida humana, resistem, se necessário pela guerra, a um ataque a eles. A justificativa se estenderia à defesa de uma nação por sua liberdade. Os valores espirituais na vida de uma nação, que incluem sua distinção histórica, podem justificá-la, quando atacada ou ameaçada de entrar em guerra para salvar sua existência independente. (Veja o estudo do Dr. Israel Mattuck, Jewish Ethics, principalmente seu capítulo sobre "O Julgamento na Guerra")

II - ALGUMAS IMPLICAÇÕES DOS VALORES MORAIS NA ATUAL CONDIÇÃO HUMANA

A profunda preocupação em defender e preservar a preciosidade da vida humana e de se construir uma comunidade mundial justa e pacífica nunca, em tempo algum da história, foi mais seriamente ameaçada, no meu julgamento, do que pela propagação da violência e do terrorismo através do mundo, acompanhada pelo aumento gradativo no comércio internacional de armas e a proliferação insana de armas nucleares.

O primeiro volume de um trabalho abrangente sobre a teoria psicanalítica, escrito pelo falecido Dr. Erich Fromm, chama-se Anatomia da Destrutibilidade Humana. O Prof. Fromm explica que ele iniciou com o estudo da agressão e destrutibilidade porque, embora sendo um dos problemas teóricos fundamentais em psicanálise, "a onda de destruição que assolou o mundo, torna-o também praticamente um dos mais relevantes." Notando que a preocupação dos profissionais - do público em geral, do mesmo modo que a natureza das causas de agressão são um tanto recentes - de fato, apenas datadas de

meados dos anos 60 - o Dr. Fromm afirma que "uma razão provável para esta mudança foi o fato de que o nível de violência e o medo da guerra passou de um certo limiar por todo o mundo."

Como foi observado num estudo datado de 1973 sobre "Violência, Não-violência e Luta pela Justiça Social", preparado para o Conselho Mundial de Igrejas, "a violência hoje se tornou demoníaca em sua influência sobre o ser humano. Na vida de algumas nações e em meio a vários povos severamente oprimidos, parece mais um vício do que um comportamento racional."

A Anistia Internacional, em seu estudo de âmbito mundial sobre o uso da tortura por indivíduos e governos, chegou à conclusão que, "a tortura pode existir em qualquer sociedade", e de fato "a prática da tortura está se tornando internacionalizada." Embora existam algumas exceções, a tortura tem sido uma prática administrativa padrão em mais de trinta países e já ocorreu em mais de sessenta.

Do ponto de vista de um historiador econômico sobre o pós-Vietnam e os Estados Unidos pós-Watergate, Robert L. Moulbroner, o autor do livro An Inquiry Into the Human Prospect (Uma Investigação sobre a Perspectiva Humana), escreve pessimisticamente sobre o "mal-estar da civilização". Ele afirma:

"Existe um sentimento de que grandes perturbações e mudanças aparecem para o futuro da civilização como nós a conhecemos. Nossa era é de profunda turbulência, uma época de grandes mudanças, e existe um sentimento difundido de que o mundo está se acabando."

Nós atravessamos uma "sacudida na história" e uma avalanche de eventos que abalaram a nossa confiança nos deixou repletos de um senso de inquietude e pressentimento durante mais ou menos a última década. Sem dúvida, o principal, entre esses, foi a experiência da Guerra do Vietnã, uma experiência que minou cada aspecto da vida americana - nossa crença em nossa própria invencibilidade, nossa confiança no governo, nossa avaliação do nosso nível particular de moralidade.

Mas a Guerra do Vietnã foi somente um entre muitos dos chamados eventos abaladores da confiança. A explosão da violência em crimes de rua, revolta racial, os bombardeiros, estranhos sequestros e aviões e assassinatos chocantes têm zomado da imagem que a TV projeta, da aristocracia da classe média americana, e trouxeram aos lares, com um terrível impacto, o reconhecimento da barbárie escondida atrás das amenidades superficiais da vida.

Nós ligamos a TV e ficamos sabendo o que nos atingirá em cheio proximamente - um sequestro de avião, um assassinato, um estupro, ou algum outro horror diário. Estas coisas afetam profundamente nossa perspectiva."

Analistas sociais informam que desde Hitler e a fundação das Nações Unidas, mais pessoas têm sido mortas por massacres do que por guerras convencionais que deixaram o mundo tenso. Como Natan Glazer documentou em seu ensaio sobre "A Universalização do Etnicismo", (Londres, 1975), "uma epidemia de conflitos está, literalmente, tomando conta de todos os continentes do mundo nos quais a raça, religião e nacionalidade estão envolvidas, resultando, frequentemente, em práticas de tortura, agressão das massas e, em alguns casos, quase genocídio."

Entre os observadores, conhecedores do cenário internacional, um desânimo ou pessimismo, até mesmo desespero, emergiu por sobre a perspectiva humana em face a estes assaltos contra a vida humana. Este kulturpessimismus (pessimismo cultural) é ainda composto por massivos problemas universais que não mostram sinais de que desaparecerão em um futuro previsível.

Em primeiro lugar, existe um enorme problema mundial de refugiados. Um total de 12,6 milhões de pessoas estavam refugiadas de seus países ou deslocadas de seus lares dentro de seus próprios países ("pessoas deslocadas internamente") no início de 1981. Inquanto em épocas mais recentes, a atenção do mundo tem se voltado para o bem-estar dos habitantes do sudeste asiá-

tico - os refugiados (boat people) vietnamitas, os chineses étnicos, os cambodjanos, entre outros - os mais trágicos problemas que "ameaçam a vida" de refugiados, hoje em dia, podem ser encontrados entre os 6,3 milhões de refugiados e pessoas deslocadas do continente africano.

De acordo com o "Levantamento Mundial de Refugiados, de 1981", publicado recentemente pelo Comitê Americano de Refugiados (cujo Quadro de Diretores teve o privilégio de integrar), o total de refugiados mundiais diminuiu em 3,4 milhões no decorrer do ano passado, devido à melhora da situação no Sudeste da Ásia, onde milhões de cambodjanos, que foram deslocados por causa da guerra e da fome, voltaram às suas casas. Mas na África, cujos 53 países estão entre os mais pobres do mundo, o número de refugiados e pessoas deslocadas saltou de 4 para 6,3 milhões como resultado de distúrbios políticos, conflitos tribais étnico-religiosos, e de um desenvolvimento catastrófico da seca. A África, hoje, tem um refugiado para cada 75 habitantes.

Cerca de um quarto de todos os refugiados da África encontram-se em um país - a Somália. Mais de 1,5 milhões de pessoas cruzaram as fronteiras deste pequeno país (com uma população original de 3,6 milhões) buscando refúgio da guerra entre a Somália e Etiópia, pela posse da árida região de Ogaden. A terra que eles estão deixando, bem como outros países do Leste da África - Etiópia, Djibuti e Suécia - estão todos sofrendo uma persistente seca, que tem forçado milhares de pessoas a se mudarem pela sobrevivência.

Nesta árida região do Nordeste da África, existem agora cerca de 3,9 milhões de refugiados e estes representam uma das maiores concentrações do mundo de pessoas em sofrimento. Exceto pelas principais agências internacionais de assistência e pelas agências cristãs e judaicas de refugiados que estão envolvidas na busca de socorro para estes pobres seres humanos, a condição dos refugiados da Somália e de outros países da África é, virtualmente, desconhecida para a maioria das pessoas. Certamente, de enas de milhares morrerão antes que o mundo acorde e responda adequadamente em tempo de salvar suas vidas.

No Sudeste da Ásia, ainda existem 700.000 refugiados cambodjanos em campos da Tailândia e na fronteira entre a Tailândia e o Camboja. Além disso, a fuga dos indochineses para outros países asiáticos persistiu durante 1980 e 1981. Mais de 160.000 refugiados escaparam do Vietnã e de Laos, entre eles, cerca de 75.000 'boat people'. O fluxo de ambos países continuou a uma taxa de mais de 10.000 mensais durante os primeiros meses de 1981. (Desde 1975, mais de 1,6 milhões de refugiados sobreviveram à sua fuga do Vietnã, Laos e Camboja. O número daqueles que morreram durante o exodo é elevado, provavelmente algumas centenas de milhares, embora não haja meio de contá-los.)

Devemos salientar aqui que a reação dos líderes e instituições católicas, protestantes, evangélicos e judaicas à tragédia do sudeste asiático foi um capítulo glorioso na história destas entidades religiosas neste século. Desde 1975, cerca de 400.000 do sudeste asiático foram descolonizados e reabilitados somente nos EUA e 70% destes seres humanos foram patrocinados, recolonizados e reabilitados - recuperando sua dignidade humana - por grupos como o Serviço Luterano de Assistência, o Serviço Católico de Assistência, o Serviço Mundial da Igreja, Visão Mundial e o Comitê da Liga Judaica Americana de Distribuição e da Sociedade Hebraica de Ajuda aos Imigrantes.

Este programa de salvação foi uma transformação para a realidade humana nas afirmações bíblicas básicas de dignidade da vida humana e do amor ao próximo que é inspirado em si mesmo mas, igualmente importante, um paradigma para nossa futura colaboração na busca da humanização das condições sob as quais tantos milhares de seres humanos são forçados a viver frequentemente sem ser por sua própria culpa.

Deveria ser reconhecido apropriadamente que a Dinamarca, a Noruega e a Suécia se encontram entre os maiores colaboradores junto aos esforços das Nações Unidas de ajuda aos refugiados, quando analisados em bases per capita. (Os Estados Unidos aceitaram mais refugiados - 677.000 - do que qualquer outro país, mas ficou em quinto em bases per capita. Os Estados Unidos também contribuíram com mais dinheiro do que qualquer outro país, na ajuda aos refugiados, mas em bases per capita, ficou em 12º em suas contribuições

financeiras. Israel aceitou um refugiado para cada 37 residentes, a Malásia, a Austrália e o Canadá também aceitaram mais refugiados per capita do que os Estados Unidos.

Olhando para o nosso trabalho comum nesta área de preocupação moral e humana vital, devemos ponderar nossas responsabilidades na salvação de vidas não somente na África, mas também no Paquistão. Perto dos refugiados da Somália, a situação de 1,4 milhões de refugiados afegãos que fugiram para o Paquistão após a brutal intervenção soviética em dezembro de 1979, representa uma das grandes tragédias dos nossos tempos. Para completar o cenário da tragédia humana, deveríamos conhecer a magnitude da situação mundial dos refugiados:

Ásia e Oceania	- 2 milhões;
África	- 6,3 milhões;
Oriente Médio	- 3,5 milhões;
América Latina	- 240 mil;
Europa	- 350 mil.

Em segundo lugar, existe o problema mundial de população e fome, que também são, sem dúvida, parte do complexo de problemas dos refugiados. Apesar dos recentes esforços heróicos em providenciar suplementos alimentares em massa - no que as instituições judaicas e cristãs também tiveram um papel importante tanto moral quanto praticamente - cerca de 800 milhões de pessoas na Ásia, África e América Latina continuam morrendo de fome ou sofrendo de desnutrição aguda. Estima-se que muitos milhões de pessoas morrerão de fome durante o próximo ano, nos países em desenvolvimento.

A atual condição econômica mundial, como escreve Robert Heilbroner, lembra um imenso trem, no qual uns poucos passageiros, principalmente nos países capitalistas adiantados, viajam em vagões de primeira classe, em condições de conforto inimaginável para a imensa maioria, abarrotada em vagões de gado que completam o total de vagões do trem.

Para a civilização ocidental, com seus ideais liberais e humanitários e para os povos com as nossas heranças éticas, judaica e cristã, não ambíguas, contemporizar em face a maior desafio moral das últimas décadas do século XX é arriscar a tração de tudo que é moralmente significativo e que nós declaramos apoiar. O que está em jogo na nossa maneira de reagir frente a esta incomparável fome mundial, durante os próximos meses e anos, é a nossa capacidade de interromper o ciclo de desumanização e insensibilidade diante do sofrimento que paira sobre o mundo, afetando finalmente todos os povos. Temos que colocar em movimento brigadas de carinho e compaixão que são as únicas qualidades sem as quais um mundo emergente interdependente - e pacífico - não pode ser mantido.

As comunidades cristãs e judaicas, creio eu, de acordo com outras entidades culturais em nossa sociedade, podem dar uma contribuição característica, que é, a definição e articulação de uma nova "Ética da Escassez" para povos de nossas sociedades ocidentais (e outras). As nações ocidentais, em particular, têm sido abençoadas desde o seu surgimento com o que pareciam ser fontes naturais e matérias primas quase que ilimitadas. Parece que estivemos vivendo num conjunto de suposições não examinadas que constituem uma "Ética da Abundância" que tem racionalizado e justificado o consumo interminável, a auto-indulgência e o hedonismo permissivo.

O esbanjamento em nosso trabalho e funções sociais - conferências, convenções, casamentos, confirmações, Bar-Mitzvas e até funerais - tem beirado o escandaloso, especialmente quando confrontado com as necessidades básicas das massas que morrem de fome no mundo.

Iniciamos, de fato, uma nova experiência de crescente escassez de recursos e suprimentos energéticos como uma condição permanente e duradoura e nossos países requerem uma definição de valores e prioridades humanas que resultarão numa maior auto-disciplina, restrição e uma genuína motivação na distribuição de um suprimento mais limitado dos bens da terra.

Em terceiro lugar, existe a corrida armamentista e a proliferação das armas nucleares. Considerem alguns dados representativos:

Em cada um dos 60 conflitos militares, desde o final da Segunda Guerra Mundial, foram usadas quase que exclusivamente armas importadas, e es-

tas trouxeram, não somente violência e destruição mas, a morte de mais de 10 milhões de pessoas. (O Centro de Estudos Internacionais - MIT - Massachusetts Institute of Technology)

Em 1973, 240 bilhões de dólares foram gastos para treinar, equipar e manter forças armadas. O comércio internacional de armas não-nucleares está, agora, acima dos 18 bilhões de dólares anuais - subiu de uns meros 300 milhões de dólares em 1952 e um total de 550% desde 1950. No ano fiscal de 1975, os Estados Unidos venderam 9.5 milhões de dólares em suprimentos militares a 71 países; no valor de 600 milhões de dólares foram vendidos através de canais comerciais e outros 600 milhões foram cedidos.

A União Soviética é a segunda em venda internacional de armas - 39 bilhões de dólares desde 1950 e 5,5 bilhões, em 1974. A França está em terceiro lugar com uma venda de 3 bilhões de dólares a 80 países e a Inglaterra em seguida, com 1,5 bilhões de dólares.

Em 1973, países do Terceiro Mundo importaram 7,7 bilhões de dólares. A Índia empobrecida compartilhou de 3 bilhões de dólares em armas da União Soviética, nos últimos 3 anos. O Paquistão, economizando para ter 250 milhões de dólares para uma nova fábrica de fertilizantes, gasta pelo menos esta quantia anualmente em armas.

Hoje, existem 340 reatores de pesquisa e 475 usinas nucleares em 46 países, algumas das quais permitindo a produção de bombas atômicas bem como de eletricidade. Hans Grimm, diretor adjunto do IAEA (Agência Atômica Internacional), diz, "qualquer país realmente decidido poderia produzir bomba." (Revista Time, 22 de junho de 1981) A Agência Atômica Internacional, em Viena, de acordo com o jornal The New York Times de 2 de novembro de 1975, prevê "a instalação de 35 usinas nucleares no terceiro mundo por volta de 1990."

Pode-se esperar que as nações pobres obtenham armas nucleares como um subproduto das usinas nucleares que várias delas estão construindo ou pretendendo construir atualmente e é concebível que algumas as usem como instrumentos de chantagem para forçar o mundo desenvolvido a cumprirem uma massiva transferência de riqueza ao mundo atingido pela pobreza.

Cinco especialistas em controle de armas, escrevendo na revista da Harvard de novembro de 1975, prevêem que algumas guerras nucleares tendem a ocorrer antes do final deste século como um resultado direto da difusão de bombas no mundo como se fosse uma "doença epidêmica". A proliferação de energia nuclear "pacífica" somente agrava o perigo, pois como escreve George Rathjens, cientista político do MIT (anteriormente da Agência Americana de Desarmamento e Controle Armamentista), "ao final do século, existirão milhares de reatores por todo o mundo, cada um produzindo material suficiente para construir uma arma por semana."

O perigo é composto pelo conhecimento divulgado pelo Dr. Theodore Taylor em seu trabalho, "Roubo Nuclear", que uma arma atômica não seria possível de ser constituída por um grupo de guerrilha, com cerca de 6 kg de plutônio. Acreditava-se que mais de 1.800 kg de plutônio foram embarcados nos EUA no ano passado e ninguém sabe exatamente quanto deste material se perdeu no transporte ou na produção.

Eu aprecio inteiramente, e de muitas formas sustento, o argumento do Dr. Paul Nitze de que "os Estados Unidos tomam providências positivas para manter uma estabilidade estratégica e dissuasão de alto nível", como meio de assegurar que a União Soviética ou um inimigo seja dissuadido de acreditar que ele poderia se beneficiar da busca da capacidade de vencer uma guerra nuclear ou do uso eficaz de táticas de pressão para conseguir o que desejam numa situação de crise (Assuntos Internacionais, janeiro de 1976). Nem sou negligente diante da necessidade e das possibilidades de controlar o orçamento de defesa através de meios racionais nos gastos. (Assuntos Internacionais, janeiro de 1976, "Controlando o Orçamento de Defesa", por Barry M. Blechman e Edward R. Frie.)

Dada a "natureza absolutamente catastrófica da guerra nuclear", devemos perguntar se o nosso Governo e seus aliados fizeram o suficiente para restringir suas vendas de usinas nucleares para países de persuasão incerta. O falecido Senador Hubert Humphrey apresentou um projeto de lei no Congresso, para que este sistematicamente participe na criação de alinhamentos que regeriam a exportação de armas. Nós confiamos sinceramente que o

Congresso finalmente ajudará a América a desenvolver uma aproximação racional à venda de armas bem como a intensificação de medidas de desarmamento universal. A sobrevivência da humanidade depende de tais medidas aqui tomadas seriamente e em conjunto com outras nações.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA CRISTÃOS E JUDEUS

Quais são as implicações desses fatos para os cristãos e judeus hoje?

É evidente que vivemos numa era de violência e terror. Não existe um continente no globo que não esteja espoliado pelo terror e violência, pelo barbarismo e pela crescente insensibilidade diante do sofrimento humano, da dor e da ameaça à existência humana. No centro da crise humana, está a depreciação fundamental do significado e valor da vida humana. Em termos teológicos, a afirmação bíblica de que cada vida humana é criada à imagem sagrada de Deus e é, portanto, de supremo valor e preciosidade, está sendo destruída de todos os lados.

Estou convicto de que esta erosão na crença na santidade da vida humana como um dos legados sombrios decisivos deixados pela Alemanha nazista à humanidade. De um modo geral, com raras exceções, a preponderante maioria de cidadãos do mundo ocidental e suas instituições dominantes impediram o confronto da magnitude da encarnação do diabo no holocausto nazista e, por isso, falharam em aprender como lidar com forças e estruturas de desumanização que estão sendo imitadas em várias partes do mundo.

A campanha nazista contra o povo judeu foi única e de muitas formas sem precedentes. Contudo, o trauma nazista não deve ser visto como "uma obsessão judaica", pois o significado fatídico do holocausto é de primordial importância para a futura capacidade da espécie humana em compreender a si própria e adquirir os recursos para lidar com os desafios para sua sobrevivência.

(Veja a discussão sobre "secularização, desencanto do mundo, e racialização", de Max Weber, como causas básicas para o enfraquecimento das normas morais numa sociedade burocratizada, em meu livro "Valores Religiosos numa Era de Violência")

Desanimadores como são os prospectos para contrariar estas forças de desumanização no mundo, "não precisamos completar a tarefa", como advertiu Rabi Tarfon, "mas também não somos livres para desistir dela". Em suma, se nós devemos aprender com o holocausto nazista e ser condenados a permitir sua repetição, temos, pelo menos, que tentar o seguinte:

Primeiro, cristãos e judeus devem se unir em um massivo esforço mútuo para estabelecer um "humanismo novo" numa base geral, que busque restaurar o conceito bíblico de valor e preciosidade infinitos de cada vida humana, que deve ser vista como um fim em si mesma e nunca como um objeto do projeto, programa, ideologia ou revolução de quem quer que seja.

Segundo, cristãos e judeus devem ajudar a engendrar uma atitude nacional e internacional de desprezo para com aqueles que usam a violência. Devemos trabalhar para desreabilitar todos os apelos de uso da violência e do terrorismo como meios de libertação ou de opressões institucionalizados uma vez que, do ponto de vista moral, fim algum pode justificar tais meios desumanos.

Terceiro, cristãos e judeus devem trabalhar para encurtar o recurso da propaganda inflamatória, especialmente de foros internacionais, que tenham impacto psicológico numa escala internacional. Como demonstra o Prof. Gordon Allport, da Universidade de Harvard, em seu estudo monumental, "A Natureza do Preconceito", existe uma inevitável progressão da "agressão verbal para a violência, o boato para o tumulto, do mexerico ao genocídio".

Quarto, cristãos e judeus devem trabalhar em prol do desenvolvimento educacional e da comunicação entre os povos para reduzir os efeitos corrosivos das "diferenças". Diferenças, como nós aprendemos nas experiências pluralistas do mundo ocidental, podem ser uma fonte de enriquecimento ao invés de uma ameaça.

Quinto, cristãos e judeus deveriam se unir num esforço educacional e

intelectual urgente e básico para elaborar uma teologia e ideologia pluralista que pressupõe o direito de cada grupo religioso, racial e étnico de se auto-definir em seus próprios termos e de ser aceito incondicionalmente por sua própria auto-definição. O narcisismo de grupo, como o Dr. Erich Fromm observa, desperta uma intensa hostilidade entre grupos e "é uma das fontes mais importantes de agressão humana". Ao ajudar a estabelecer uma visão mundial pluralista, cristãos e judeus contribuem de modo decisivo para a construção dos alicerces ideológicos sem os quais uma comunidade mundial estável não pode vir a existir.

Sexto, cristãos e judeus deveriam trabalhar no sentido de tornar a economia de cada nação auto-suficiente e tão estável quanto possível para que não necessite eternamente de ajuda. Ligado, de modo inextricável a tal empenho, está o controle da corrida armamentista em escala internacional e uma reorganização racional de prioridades que permita uma defesa adequada e, no entanto, simultaneamente redistribua alguns dos bilhões gastos em armas que deveriam ser aplicados às necessidades gritantes dos famintos, doentes e desabrigados.

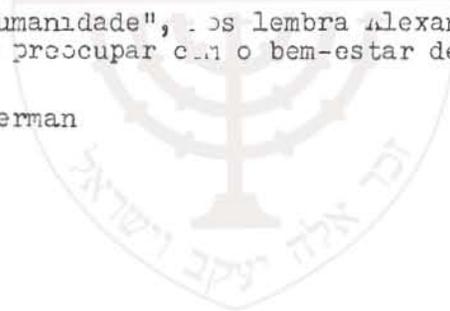
O centro destes esforços deve ser a necessidade premente de despertar a consciência humana para um esforço internacional eficaz, no intuito de parar a proliferação irracional de armamentos nucleares e criar sérias ações básicas para o desarmamento universal simultâneo. Não existe, neste momento da história, prioridade maior para a sobrevivência humana.

E, finalmente, cristãos e judeus devem reconhecer a interdependência fundamental de todos os direitos humanos e colaborar vigorosamente para assegurar que cada nação - Leste e Oeste, Norte e Sul - faça pleno uso de seus compromissos com a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Em particular, cristãos e judeus deveriam trabalhar pela conclusão dos auxílios judiciais exigidos pelo Artigo 6 do acordo sobre genocídio, sob a forma de um tribunal penal internacional para julgar aqueles acusados de tentativas de genocídio em qualquer parte do mundo.

"A salvação da humanidade", nos lembra Alexander Solzhenitzyn, "dependerá de cada um se preocupar com o bem-estar de cada um toda parte."

Traduzido por Ida Lederman



[end]

Original documents
faded and/or illegible

